

# A FALA É DIFERENTE DA ESCRITA?

**LUIZ CARLOS CAGLIARI**

Universidade Estadual Paulista

Há uma primeira resposta, fácil de dar. Falar e escrever são duas atividades muito diferentes: uma usa o sistema biológico corporal para emitir os sons da fala; a outra exige um aprendizado especial e usa ferramentas para produzir algo escrito. Apesar da resposta fácil, a relação entre fala e escrita traz consigo muitos aspectos aos quais não costumamos prestar muita atenção. Muitas atividades são realizadas pelos seres humanos num processo automático: não pensamos para andar, para mexer pernas, braços, dedos. Os comandos do cérebro já vêm ligados no automático. Basta pensar e realizar. O próprio pensar está, muitas vezes, mais ligado ao inconsciente do que à vontade explícita da pessoa para realizar muitas ações. Comumente, falamos e escrevemos coisas corriqueiras seguindo esse procedimento. Como toda ação automatizada, ela chama a atenção somente de quem a faz ou vê ou ouve quando ocorre algum erro. Nesse caso, tomamos consciência de que algo deu errado. Então, é preciso sair do automático e refletir para saber o que aconteceu e corrigir os erros.

Os linguistas são os responsáveis por analisar os dados da fala e procurar explicações teóricas e descritivas para entender melhor como a linguagem oral e a escrita funcionam. Há aspectos estruturais, biológicos, semânticos e até emotivos envolvidos na produção e percepção da linguagem. Usamos metade do corpo para falar, desde o cérebro com a mente, os comandos neuromusculares para movimentar os processos aerodinâmicos, fonatório e articulatório necessários para a sonorização da linguagem. Há, ainda, um controle de *feedback* para avaliar em tempo real o que está acontecendo. Nesse processo, modificamos o processo respiratório comum, porque os sons da fala são transmitidos em formas de ondas através de uma corrente de ar que vem dos pulmões e vai se modulando acusticamente até sair pela boca e pelo nariz. Essa modulação é obtida pelos ajustes do aparelho fonador, ou seja, de como criamos obstáculos à passagem da corrente de ar no aparelho fonador. Assim, produzimos as vogais e as consoantes e modulamos a fala em ritmo e em variação melódica. A fala é transmitida por ondas sonoras. A unidade linguística que chama mais a atenção são as palavras e é por isso que elas são os elementos linguísticos com os quais estamos mais familiarizados. Mas a linguagem é muito mais do que palavras. As formas de onda não revelam o mais importante, que é o pensamento. Se alguém ouve uma língua estrangeira que não compreende, a impressão que ele tem é a de alguém fazendo barulho com a boca. De modo

semelhante, uma pessoa que vê uma escrita que desconhece não faz ideia que se trata de uma escrita como a que ela conhece. Durante muito tempo, para muita gente, a escrita hieroglífica dos egípcios foi considerada apenas decoração e a escrita cuneiforme suméria foi considerada pegadas de passarinhos na argila. Ainda mais, é preciso ter sintonia entre o que se ouve e uma representação mental linguística dos sons, ou seja, entre formas gráficas e uma representação comunicativa de uma língua na forma escrita.

A realidade sonora da fala é uma forma de ligar uma língua a um pensamento e, nesse sentido, é uma abstração da realidade: os sons da fala não são simplesmente sons da natureza. Do mesmo modo, a realidade gráfica da escrita é uma abstração de uma abstração: os símbolos gráficos representam a linguagem oral, que é abstrata, através de formas gráficas, que são materiais. Por si só, a escrita é apenas rabiscos. Essa afirmação mostra como as aquisições da linguagem oral e da escrita se desenvolvem de modos diferentes, ambas em processos altamente abstratos. Mas para atingir tais níveis, elas se servem de elementos do mundo real: sons e formas gráficas. O progresso na aquisição da linguagem oral é inacreditável, porque ocorre quando a criança tem de 1 a 3 anos. O mesmo não se pode dizer da aquisição da escrita. Algumas crianças progridem rapidamente, outras não, precisando estas de uma atenção especial no ensino para produzir o aprendido. Costumamos dizer que a linguagem oral é adquirida naturalmente pelo fato de sermos seres humanos. A escrita, no entanto, precisa ser aprendida, não se adquire de outra forma. Como a escrita é uma representação da fala, é preciso ter a fala antes de aprender a escrita ❶.

Vimos que há semelhanças e diferenças entre a fala e a escrita. Como há muitas formas de falar uma mesma língua, por exemplo, seguindo dialetos diferentes, e como a escrita representa a fala, ela também pode variar de acordo com o dialeto que representa. Por outro lado, a fala é algo que acontece ao vivo e, por isso, é passageira. Mas a escrita é perene e, por isso, é duradoura. Uma vez falada, a fala não pode ser apagada nem modificada, embora possa continuar refazendo o que foi dito antes. Por outro lado, uma vez escrita, o que se escreveu pode ser modificado ou mesmo apagado.

Por ter características estruturais, socialmente avaliadas, a fala revela um uso formal ou informal de determinado dialeto ou variedade

linguística. O falante, porém, pode escolher o estilo e o modo de falar. O sistema da língua permite muitos tipos de variação. A escrita é mais complicada e, ao mesmo tempo, mais interessante. O objetivo da escrita é a leitura (representação da fala), mas o leitor vai ler em qual variedade da língua? Na verdade, cada pessoa lê em seu próprio dialeto, quando lê para si mesmo. A leitura familiar é muito individual, em todo sentido. Diante de um texto qualquer, não nos preocupamos em saber como o autor falava o que escreveu. Simplesmente lemos como falamos.

Assim como a ortografia padronizou a escrita, a escola tende a padronizar um tipo de leitura e de fala num estilo escolar chamado norma culta. O objetivo disso é fazer com que a fala e a escrita revelem uma pessoa bem-educada. A escola sabe que a sociedade é muito discriminadora com relação ao modo como as pessoas falam e escrevem. Os diferentes usos não são linguisticamente erros, são apenas diferenças. Mas o preconceito linguístico que reina nas nossas sociedades parte delas para discriminar seus usuários.

Curiosamente, a ortografia redefiniu o princípio acrofônico do alfabeto dando novos sons para as letras, cujo valor passou a ser aquele que o usuário fala. Por exemplo, a letra A, segundo o alfabeto, tem os sons de [a] (*casa*) e de [ã] (*canto*). Porém, se alguém pronuncia [lãpida] (*lâmpada*), para ele, a letra A tem também o som de [i]. Há pessoas que falam [tia] e pessoas que falam [txia]: a letra T tem o som de [t] e de [tx]. Neste último caso, não ocorre discriminação linguística; mas no caso acima, ocorre discriminação que traz um estigma social, fruto do preconceito linguístico. Afinal todos os falantes, na verdade, adquirem um dialeto quando aprendem a falar.

Eventualmente, o leitor pode optar por ler numa variedade ligada à fala da norma culta ensinada na escola. A escola ensina a fazer isso, por razões de como a sociedade aceita ou não a variação linguística. Uma fala informal e dialetal ocorre no dia a dia das pessoas e é bem-vinda. Porém, há ocasiões em que é preciso usar as palavras adequadas e seguir as regras da norma culta da língua, para não passar por ignorante ou desrespeitoso. Há tipos de escrita que precisam ser seguidos de acordo com as regras da correção e da boa educação escolar. Para isso, é preciso não apenas ser alfabetizado, mas é preciso dominar o letramento mais avançado, dominando os gêneros discursivos, ou seja, os diferentes

tipos de texto que devem ser produzidos (discurso, mensagem, poesia etc.). Os falantes podem variar a fala (até certo ponto!...), mas a escrita tem exigências que a fala não tem. Por exemplo, nem tudo o que se diz livremente pode ser passado para a escrita. A fala e a escrita indicam muitos aspectos da educação escolar da pessoa. Atualmente, as redes sociais estão trazendo novos usos da linguagem oral e escrita e explicitam muitos preconceitos tradicionais, baseados em interpretações da fala dos usuários. Tempos modernos.